

## DA UTILIDADE DO CAPITAL CULTURAL: COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E MATERIAIS PEDAGÓGICOS A PARTIR DE APONTAMENTOS DA LITERATURA<sup>1</sup>

Elaine Cristina Scarlatto (FCL/Unesp/Araraquara); Marilda da Silva (FCL/Unesp/Araraquara). Eixo temático: Materiais Pedagógicos no Ensino e na Formação de Professores

### Introdução

Ao lançar uma nova perspectiva de análise do sistema de ensino, concebendo-o como um dos meios de dominação social que contribui com a legitimação do *status quo*, Pierre Bourdieu formula e destaca o “mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos”, o *capital cultural* (BOURDIEU, 1998, p.73). Em suma, segundo o autor, a criança que se apropria de *capital cultural* tende a obter melhores condições para ser bem sucedida em processos de seleção impostos pelo sistema de ensino e, posteriormente, pelo mercado de trabalho.

O autor advoga que o *capital cultural* é o conjunto de instrumentos que permitem a aquisição dos bens simbólicos apreendidos por intermédio de práticas culturais e lingüísticas vivenciadas, sobretudo, no processo de socialização primária na esfera familiar, a saber, o convívio com a literatura, visitas a museus e exposições, a proximidade com a música, com a arte em geral, o que possibilita ao agente social a apreciação de qualquer modalidade cultural e, além disso, um determinado estilo de vínculo com a cultura erudita, que provem, por conseguinte, do modo de adquiri-la. Ressaltamos com o autor que essa transmissão “ocorre de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta” (BOURDIEU, 1998, p.46).

Em suas análises, Bourdieu sublinha que o capital cultural manifesta-se sob três formas: Estado incorporado, objetivado e institucionalizado. O estado incorporado consiste no enraizamento de bens simbólicos nas estruturas de pensamento. Incorporado, este *capital cultural* configura-se em “uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa: um *habitus*”, ou seja, orienta a maneira do agente social ver o mundo e, nele, suas próprias ações. (BOURDIEU, 1998, p.74).

O Estado objetivado é o *capital cultural* materializado, este é adquirido por meio da aquisição de bens culturais (coleções de livros, quadros, videotecas, esculturas, etc.). Dessa forma, há uma vinculação estreita entre capital

cultural objetivado e capital econômico. Ou seja, para que este capital cultural seja adquirido, é necessário que o agente social disponha de capital econômico e, mormente, de capital cultural incorporado, a fim de que valorize e decifre os códigos para que se aproprie simbolicamente dos objetos culturais.

Por último, há o capital cultural institucionalizado; este é representado pelo certificado escolar, isto é, são os diplomas sancionados por instituições. Bourdieu advoga que esta forma de capital é como uma “certidão de competência cultural”. (BOURDIEU, 2005, p.74-79). Contudo, se o agente possuir apenas a certificação, isto é, apenas o diploma, sem que sua essência (conhecimento socializado pela escola) esteja adequadamente incorporada por ele, esse agente continuará sem o bem, ou sem o capital, a que se refere, apesar de institucionalmente legitimado. É nesse sentido que essa noção mostra ser muito poderosa para se pensar os modos de ensinar na sala de aula, tendo em vista os materiais pedagógicos que os sustentam. Isso porque, neste caso, a reflexão a que se propõe usa a referida noção a partir do agente que ensina, tendo em vista a incorporação do capital cultural por parte do agente que aprende.

O que se busca nesta reflexão é mostrar que o capital cultural é um recurso inexorável para significar/resignificar materiais pedagógicos que, na origem, são de outra natureza que não a pedagógica. Isso obriga-nos a dizer que para se ‘produzir’ um material didático o professor precisa ter capital cultural em abundância e relacionalmente, isto é, o professor precisa saber aplicar/transformar o capital cultural que adquiriu ao longo da vida e ao longo da formação específica a favor de seu ofício, com vistas a tornar o ensino na sala de aula original para si e para o aluno, e com isso tornar a aprendizagem uma operação multidisciplinar, ou seja, uma aprendizagem cuja síntese cognitiva objetive a incorporação do conhecimento de modo geral e do capital cultural simultaneamente. Abaixo apresentaremos uma fonte que poderá constituir um material pedagógico rico para várias situações de ensino, contudo, neste caso, destina-se a cursos que preparam professores para as séries iniciais do ensino fundamental. Nosso objetivo é mostrar que um conto, ou seja, um material literário que pertence ao campo da literatura e não ao campo educacional propriamente dito pode se tornar um material didático muito fértil. Todavia, sem capital cultural por parte de quem ensina, o recurso que apresentaremos não deixará de ser um conto

para alcançar uma aplicação pedagógica. É nessa ordem de idéias que nos referimos à re-significação de um material não didático ou pedagógico para um material de ensino. Trata-se do conto de Carlos Drummond de Andrade intitulado:

### **Da utilidade dos animais<sup>2</sup>**

*Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.*

— *Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?*

— *Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pêlo se fazem perucas bacaninhas. E a carne, dizem que é gostosa.*

— *Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?*

— *Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.*

— *Ele faz pincel, professora?*

— *Quem, o texugo? Não, só fornece o pêlo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.*

*Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:*

— *Bolsas, malas, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando na carne. Canguru é utilíssimo.*

— *Vivo, fessora?*

— *A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pêlo dela preparamos ponchos, mantos, cobertores etc.*

— *Depois a gente come a vicunha, né fessora?*

— *Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...*

— *E a gente torna a cortar? Ela não tem sossego, tadinha.*

— *Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?*

— *A carne também é listrada? — pergunta que desencadeia riso geral.*

— *Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disso. Ah, o pingüim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar?*

*Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento — não sabem o que é? O cocô do pingüim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito com a gordura do pingüim...*

— *A senhora disse que a gente deve respeitar.*

— *Claro. Mas o óleo é bom.*

— *Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.*

— *Pois lucra. O pêlo dá escovas de ótima qualidade.*

— *E o castor?*

— *Pois quando voltar a moda do chapéu para homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar um bom exemplo.*

— *Eu, hem?*

— *Dos chifres do rinoceronte, Belá, você pode encomendar um vaso raro para o living de sua casa. Do couro da girafa, Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pêlos da cauda para Teresa fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa... O biguá é engraçado.*

— *Engraçado, como?*

— *Apanha peixe pra gente.*

— *Apanha e entrega, professora?*

— *Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe, mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.*

— *Bobo que ele é.*

— *Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas*

as maneiras.

*Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?*

— *Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos.*

### **O capital cultural em exercício pedagógico**

Carlos Drummond de Andrade ao narrar o desenvolvimento de uma aula expressa uma severa crítica, em tom humorístico, que pode ser abordada sob a perspectiva dos valores vinculados à lógica mercantil propagada pelo capitalismo, das relações destrutivas do meio-ambiente pelo homem hodierno, da escola, dos professores e dos materiais pedagógicos utilizados por eles. Aqui nos dedicamos, orientadas pela categoria *capital cultural*, a questões diretamente relacionadas à utilização de materiais pedagógicos por professores ao socializarem conteúdos curriculares.

Vale dizer que concebemos como material pedagógico todo material textual, audiovisual, midiático ou multimídia utilizado no processo de ensino-aprendizagem como recurso, a fim de mediar o êxito do processo educativo. Sem a pretensão de esgotar as contribuições referentes ao tema, destacamos algumas pesquisas que tem sido realizadas, cujo objeto de estudo são os materiais pedagógicos, tais como, Faria (1994); Rosemberg, Bazilli e Silva (2003); Dotti (2007). Segundo os autores, os principais problemas destes recursos podem ser caracterizados por:

- Seu viés ideológico, tendo em vista que abordam os temas ocultando as razões históricas e sociais que condicionam os homens às condições nas quais são obrigados a viver e, dessa forma, contribuem para legitimar o *status quo*. (FARIA, 1994).
- Apresentação de manifestações de cunho preconceituoso, de discriminação, sobretudo, aos afros-descendentes e aos indígenas (ROSEMBERG, BAZILLI, SILVA (2003).
- Utilização inadequada de analogias, que podem gerar confusões conceituais. (DOTTI, 2007).

Obviamente, um material pedagógico de boa qualidade tem relevância no que concerne ao desenvolvimento satisfatório dos conteúdos propostos na efetivação do processo educativo. É preciso, contudo, desconfiar da ilusão

de que o material, por si só, é capaz de suprir as demandas desta prática. Em outros termos, os materiais pedagógicos, independentemente do tipo de material, da área do conhecimento a que pertencem, ou do nível de formação para o qual foram pensados não são suficientes em si mesmos para garantir a qualidade de uma aula.

Por outro lado, em conformidade com Silva (2004, p. 59), na dinâmica da prática pedagógica, o capital cultural, sim, é uma ferramenta valiosa capaz de proporcionar aos professores instrumentos que podem garantir a qualidade do ensino oferecido aos alunos. De acordo com a autora, “do capital cultural adquirido pelo professor vem a fertilidade das mediações criativas que implementam as especificidades dos conteúdos que ministra”. É justamente nesse sentido que o conto reproduzido ajuda-nos a pensar nos limites de um material didático. Um material didático por mais fértil que seja não dispensa o capital cultural do professor, que o utiliza sob pena de tornar um material didático potente em um material didático tosco e vice-versa. Quem mostra a potencialidade de um material didático é o professor, e não o material em si mesmo e é nisso que reside a inexorabilidade do capital cultural por parte do professor: para qualificar um dado material pedagógico. A propósito dessa idéia que pode ser entendida somente se correlacionada ao Conto, ou a fonte desta reflexão, a professora explicita a “utilidade” de cada animal, enfatizando o respeito e o amor que as crianças devem lhes despende. Apesar de dominar o conteúdo científico, ela não percebe que está reproduzindo contradições intrínsecas ao nosso contexto socioeconômico, ou seja, simultaneamente, a professora diz que as crianças devem amar e, em nome do lucro, explorar e matar os animais.

Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe, mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

— Bobo que ele é.

— Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras.

Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo? (PEREIRA, 1992: p. 36).

Os alunos, porém, percebem a contradição e, ao tentar alertar a professora sobre a reflexão, não são ouvidos, pois, para ela, dá-se a impressão de que o conteúdo está correto. O que está em jogo são os vieses ideológicos que

os materiais didáticos, como afirma Faria (1994), trazem implícita e explicitamente. Nesta reflexão, podemos levantar a hipótese de que se a professora houvesse adquirido um capital cultural vasto<sup>3</sup>, quer seja durante sua vida, quer seja durante sua formação específica, ou em ambas, que lhe possibilitasse condições intelectuais de perceber as contradições no respectivo conteúdo, logo perceberia as implicações ideológicas no mesmo e, possivelmente, seus alunos poderiam ser justamente ouvidos.

Ademais, cabe sublinhar que a sala de aula é um espaço de conhecimentos contínuos, emergentes, abertos, que se reorganizam a todo o momento pela interação professor-aluno, onde o primeiro deve acolher o ponto de vista dos alunos acerca do conteúdo que está sendo transmitido. Afinal, segundo Paulo Freire (1992, p. 81), “ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do professor e dos alunos, em ação, se encontra na base de ensinar e aprender”.

Podemos dizer, talvez, que nos materiais pedagógicos há uma inexorabilidade do capital cultural que impõe ao professor domínios de *modus operandi* multidisciplinares e de caráter eminentemente da alta cultura, como quer Bourdieu. Sem a aquisição do capital cultural, os materiais pedagógicos são aplicados pragmaticamente, pois o ensino propriamente dito é ofício do professor, e não do material pedagógico em si mesmo.

Outrossim, e para continuar na linha de raciocínio que viemos empregando, resignificar o Conto em questão - da literatura para a sala de aula - é um procedimento que exige do professor a aquisição da alta cultura, portanto, exige capital cultural, de modo que conhecer/reconhecer literatura é uma ação que faz parte das frações de classe que detem o capital cultural e não das que não detem.

A escolha do Conto *Da utilidade dos animais*, portanto, como material pedagógico para ensinar futuros professores e professoras para as primeiras séries do ensino fundamental, em diferentes usos, em si mesma, já exige uma prática orientada por capital cultural de acordo com a denominação de Bourdieu, isto é, capital cultural advindo da erudição. Nesse sentido, o professor deverá conhecer literatura dialogicamente, tendo em vista o ensino de algum conteúdo curricular.

A idéia acima parece enfatizar o óbvio, porém Bianchini (2005), em sua

pesquisa acerca da ausência de capital cultural na formação de professoras-alunas de um curso normal superior, constatou que há, em seu grupo investigado, professoras trabalhando na rede municipal de ensino com baixo capital cultural, que sequer dominam o conteúdo a ser transmitido, e, além disso, apresentam dificuldades de leitura, interpretação e escrita.

Dessa forma, a aquisição de *capital cultural* traz desdobramentos que enriquecem a prática pedagógica, segundo Silva (2004, p. 59.) “tornando-a mediada por criatividade nos exemplos que formula, por estabelecer relações com áreas afins, etc”. Seus impactos modificam positivamente a relação do professor com os materiais pedagógicos, portanto, seu modo de ministrar as aulas.

### **Considerações finais**

Será que não temos materiais didáticos suficientes para que o ensino seja eficaz ou será que nossos professores, como anuncia Bianchini, não adquiriram ainda capital cultural suficiente para aplicarem/ criarem/ desenvolverem materiais pedagógicos que sejam adequados às demandas de seus alunos? Por exemplo, e para ficar somente na literatura de quem vem nossa fonte, há um manancial de materiais pedagógicos que podem ser utilizados para desenvolver idéias, valores, conteúdos, etc., e sem cair no equívoco causado, como observa Dotti (2007) sobre as analogias mal formuladas. Talvez, se nossos professores fossem formados por meio de um robusto capital cultural, eles construíssem materiais pedagógicos a partir de re-significação de fontes próprias da cultura erudita, de modo que seus alunos também adquirissem, por meio da qualidade desses materiais pedagógicos re-significados e por meio do conteúdo socializado por eles, o capital cultural desejável a todos independentemente da fração de classe que, por ventura, pertencessem. Nesse sentido, o capital cultural apreendido pelos alunos na escola poderá vir também dos próprios materiais pedagógicos, que serviriam não como recursos, mas como ensino propriamente dito.

### **Referência bibliográfica**

BIANCHINI, N. **As ausências de conhecimentos manifestos na formação de professoras-alunas de curso normal superior**. Dissertação (Mestrado



em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Araraquara – SP, 2005.

BOURDIEU, P. **A Produção da Crença, Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2006.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio Comprido: Marco Zero Ltda. p. 89-107, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

DOTTI, A. F. **O uso de analogias no processo didático: um estudo sobre livros de ciências para a última série do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Araraquara – SP, 2007.

FARIA, A. L. G. de. **Ideologia no livro didático**. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

PEREIRA, M. C. **A palavra é escola...** São Paulo: Ed. Spicione, 1992.

ROSEMBERG, F., BAZILLI, C., SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 125 – 146, jan./jun., 2003.

SCARLATTO E. C.; SILVA M. A Educação Complementar em Araraquara – SP: uma oportunidade de reestruturação do habitus para as classes populares. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 33, n. 2, p. 353 – 364, maio/ago., 2008.

SILVA, M. **Metáforas e entrelinhas da profissão docente**. São Paulo: Thomson, 2004.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de reflexões efetuadas na disciplina Procedimentos teórico-metodológicos na produção da pesquisa: a literatura como fonte, ministrada pela profª Drª Marilda da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL/Unesp/Araraquara.

<sup>2</sup> Optamos por colocar a reprodução do conto em itálico para facilitar a leitura e a compreensão da forma/conteúdo desta reflexão.

<sup>3</sup> Neste momento estamos, por conta e risco, alargando a categoria capital cultural, pois estamos denominando conhecimento multidisciplinar como um tipo de capital cultural.